

## OPINIÃO

Sinistros em Acervos:  
O Incêndio do Museu Nacional

## ENTREVISTA

Grafite e Picho:  
Artes Gráficas e Manifestações  
Culturais no Porto de Pelotas

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Visitas Guiadas:  
Patrimônio Cultural  
das Missões

## ENTREVISTA

Nova Direção do ICH

## CRÔNICA

Conservador-Restaurador  
nas Mídias

# BOLETIM PET CeR

PET Conservação e Restauração  
vol. 8, ano 2018

**EDIÇÃO** Carolina Nagata  
**REVISÃO** Daniele B. Fonseca e  
Raquel Augustin  
**ARTE** Carolina Nagata

**PET**  **Conservação e Restauro**

PET- Conservação e Restauro  
R. Almirante Barroso 1202, sala 310  
Campus II – ICH • Pelotas/RS  
CEP 96.010-280

#### DIGITAL

<https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis>  
<https://conservacaoerestauo.wixsite.com/pet-cr>

<https://www.facebook.com/petconservacaorestauoufpe>

#### CONTATO

[petconservacaorestauo@gmail.com](mailto:petconservacaorestauo@gmail.com)

#### PETIANOS

Bolsista Ana Carolina Fernandes  
Bolsista Bruna Gentil  
Bolsista Carolina Nagata  
Bolsista Caroline Meller  
Bolsista Clara Ribeiro  
Bolsista Elisa Cabete  
Bolsista Marina Alves  
Bolsista Milene Sequeira  
Bolsista Níkolos Moura  
Bolsista Pétrya Bischoff  
Bolsista Sandra Oliveira  
Bolsista Zarlete Würdig

#### COLABORADORA

Prof<sup>ª</sup>. Ms<sup>ª</sup>. Raquel Augustin

#### TUTORA

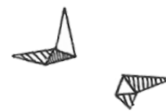
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daniele Baltz da Fonseca

#### EXPEDIENTE

O BOLETIM PET-CeR é uma publicação semestral do Grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo de ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador-Restaurador. São autores dos números, integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o e-mail do grupo ([petconservacaorestauo@gmail.com](mailto:petconservacaorestauo@gmail.com))



## EDITORIAL



É com imenso prazer que o grupo PET produz seu oitavo Boletim! Continuamos na luta para maior visibilidade da profissão e da importância da presença do Conservador-Restaurador em diversas esferas fundamentais da sociedade. Iniciamos esse momento de reflexão lembrando o trágico incêndio do Museu Nacional, que gerou danos irreversíveis para o acervo, à instituição, à academia, ao patrimônio mundial e a nós, agentes patrimoniais, um abalo imensurável.

Em contrapartida, contamos com duas entrevistas que nos mostram que é através da união que ocorre a mobilização, a manifestação, enfim, a luta pela nossa voz, nosso direito, nossa educação. Nesse sentido, parabenizamos a nova direção do ICH, composta pelo Prof<sup>º</sup> Sebastião Peres e pela Prof<sup>ª</sup> Andréa Bachettini!

Divulgamos também um pouco da experiência inesquecível que foi visitar o Patrimônio Cultural das Missões, para nos lembrar que o patrimônio não se restringe a ambientes controlados, mas está ao ar livre, está nas praças, está no seu bairro, através das ruínas, grafites e pichos. Convidamos você, caro leitor, para fruir e sentir as cidades, pois elas são um museu vivo! Fique atento à programação e divulgação de novos eventos e visitas guiadas do grupo PET!

E por último, o Boletim fecha com uma crônica sobre alguns preconceitos e ideias equivocadas sobre a profissão disseminadas por meio de séries, filmes e pelas redes sociais que, discutindo sobre visibilidade da área, devem ser contestadas e discutidas também como parte do trabalho de Conservador-Restaurador e agente patrimonial.

Encerrando minhas considerações, em nome de todo o grupo, esperamos que o presente volume te inspire, te motive, desperte novas ideias e reflexões!

Muito obrigada e desejamos uma ótima leitura!  
Carolina Nagata.

## SUMÁRIO

### OPINIÃO 03

Sinistros em Acervos: O Incêndio do Museu Nacional  
por *Raquel Augustin*

### ENTREVISTA 06

Grafite e Picho: Artes Gráficas e Manifestações Culturais no  
Porto de Pelotas  
por *Pétrya Bischoff*

### RELATO DE EXPERIÊNCIA 12

Visitas Guiadas: Patrimônio Cultural das Missões  
por *Clara Ribeiro e Ana Carolina Fernandes*

### ENTREVISTA 15

Nova Direção do ICH  
por *Elisa Cabete e Sandra Oliveira*

### CRÔNICA 18

Conservador-Restaurador nas Mídias  
por *Carolina Nagata*





# SINISTROS EM ACERVOS: O INCÊNCIO NO MUSEU NACIONAL

Foto: AFP / STR, 2018.  
Fonte: (LEIRNER, 2018).

por RAQUEL F. G. AUGUSTIN

**E**m 2018, o Museu Nacional, instituição museológica brasileira mais antiga, completa seu bicentenário. No entanto, o ano que deveria ser comemorativo será lembrado como aquele em que o museu foi acometido por um dos maiores sinistros em termos culturais registrados no país. No dia 02 de setembro ocorreu um incêndio no Paço de São Cristóvão, sede da instituição, edifício que serviu de moradia à família real e abrigava além da área expositiva, reservas técnicas, laboratórios, gabinetes e áreas de memória institucional.

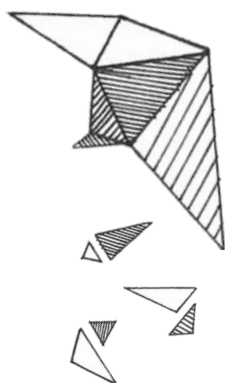
O Museu Nacional possuía o maior acervo de história natural da América Latina, com cerca de 20 milhões de itens, dentre fósseis, múmias, rochas, plumária, documentos em papel, cerâmica, artefatos líticos, etc. Por configurar-se como um museu universitário vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, além das atividades de preservação, educação e comunicação do acervo, diversos programas de pós-graduação eram

desenvolvidos na instituição, a qual abrigava o material para as pesquisas e oferecia parte da infraestrutura para sua realização.

Com o incêndio boa parte do acervo institucional foi perdido ou danificado e diversas pesquisas foram atingidas direta ou indiretamente. Em geral o contato com o fogo pode provocar diversos danos nas coleções, como o esmaecimento de cores, a formação de manchas em virtude da fumaça, a deposição de fuligem, a deformação ou distorção de suportes, a fragilização das peças relacionada ao enrijecimento de cadeias internas em virtude da perda de moléculas de água estruturais com consequente formação de trincas, fissuras e fraturas (rupturas), a combustão total das peças, os choques e impactos decorrentes de quedas dos suportes de armazenamento ou exposição, a acidificação dos suportes por conta da interação entre a umidade relativa e a fuligem depositada, a dissociação de informações referentes aos artefatos e os danos adicionais decorrentes do uso de água ou de extintores para o extermínio do fogo.

Dentre as peças do acervo do museu atingidas estavam artefatos das coleções egípcia, de etnologia indígena, africana e afrobrasileira, artefatos das coleções entomológica, zoológica, arqueológica, geológica e paleontológica, aproximadamente 500 exemplares de mamíferos, a Biblioteca Francisca Keller, itens do Centro de Documentação em Línguas Indígenas (Celin) e da Seção de Memória e Arquivo (Semear) da instituição, assim como material de consulta e trabalho de diversos professores e pesquisadores.

No entanto, nem tudo foi perdido. De lá para cá o processo de escoramento e reestruturação da edificação foi iniciado, assim como o resgate de algumas peças prioritárias. Espera-se que as perdas sejam menores do que o calculado. Itens como o meteorito Bendegó (o maior já encontrado no país), o meteorito Angra dos Reis (o qual fundou uma nova classe de fragmentos) e os vestígios de Luzia (representantes da ocupação humana no continente) foram resgatados. Diversos dados de pesquisas haviam sido publicados, parte das coleções havia sido digitalizada bi ou tridimensionalmente, alguns itens estavam emprestados a outras instituições ou em armários metálicos, os quais podem tê-los protegidos do contato direto com as chamas, outros itens situavam-se em setores do museu localizados em outros edifícios.



No momento, esforços têm sido realizados para a recuperação e reconstrução do acervo, como uma parceria com a UNESCO que apoiará a instituição durante sua reestruturação, a doação de material por outras instituições para o acervo museológico e para a biblioteca, a colaboração entre os profissionais do museu e diversos especialistas, além de doações financeiras, como a já noticiada pelo governo alemão.

O Museu Nacional que sofreu com o corte e contingenciamento de verbas, poderá contar também com uma verba do BNDES já aprovada e com um fundo patrimonial para o seu restabelecimento e administração, publicado como lei 13.800. Esta configura-se como um aporte de recursos a longo prazo e afirma que os recursos poderão ser arrecadados de modo que seu rendimento colabore com a administração de todo o museu ou com um projeto específico. Tal iniciativa, já utilizada em outros países, vem para ocupar um espaço necessário às instituições museais públicas, podendo configurar-se como alternativa para compor uma gestão mais sustentável e independente, no entanto, gera preocupações quanto a sua eficácia à medida que não apresenta benefícios fiscais aos doadores.



Foto: BUDA MENDES/GETTY IMAGES. Fonte: (BETIM, 2018).

Enquanto isso, é possível ajudar de diversas formas, elencadas no site do museu pelo link <http://www.museunacional.ufrj.br/destaques/como-ajudar.html>, inclusive com trabalho voluntário (os interessados devem enviar um e-mail para [falecomdiretor@mn.ufrj.br](mailto:falecomdiretor@mn.ufrj.br) com o assunto VOLUNTARIADO).

Embora sempre seja uma tragédia, a ocorrência de incêndios em instituições culturais tem sido mais frequente do que se espera. No Brasil, desde 2010, sete grandes incêndios aconteceram em instituições culturais: Cinemateca Brasileira (2016), em São Paulo; Museu da Língua Portuguesa (2015), em São Paulo; Liceu de Artes e Ofícios (2014), em São Paulo; Memorial da América Latina (2013), em São Paulo; Museu de Ciências Naturais da PUC Minas (2013), em Belo Horizonte; Arquivo Público do Estado de São Paulo (2012); e Instituto Butantan (2010), em São Paulo. Além desses, há o famoso sinistro ocorrido no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1978. Infelizmente, é usual que a prevenção de sinistros seja deixada em segundo plano frente a realidade financeira e outras demandas das instituições, no entanto, as consequências dessa escolha podem ser extremamente graves com perdas irrecuperáveis para o patrimônio cultural mundial.

“ Infelizmente, é usual que a prevenção de sinistros seja deixada em segundo plano frente a realidade financeira e outras demandas das instituições, no entanto, as consequências dessa escolha podem ser extremamente graves com perdas irrecuperáveis para o patrimônio cultural mundial.”

#### Referências:

BBC. Museu Nacional: Em 10 anos, fogo dizima ao menos 8 prédios com tesouros culturais e científicos do país. **BBC News Brasil**, São Paulo, s/ ano, s/ n, s/ p., 05 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45348664>. Acesso em 13 mai. 2019.

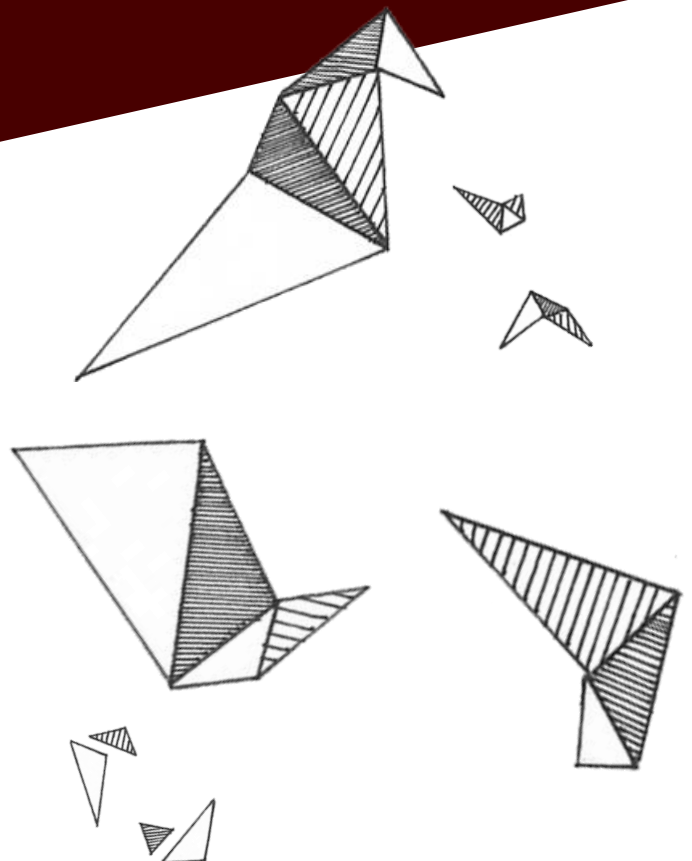
BETIM, Felipe. Incêndio acirra debate sobre verba para Museu Nacional na busca por culpados. **El país**, s/ ano, s/ n, s/ p., 05 set. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/04/politica/1536097870\\_413822.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/04/politica/1536097870_413822.html). Acesso em 13 mai. 2019.

BRASIL. **Lei nº13.800, de 04 de janeiro de 2019**. Autoriza a administração pública a firmar instrumentos de parceria e termos de execução de programas, projetos e demais finalidades de interesse público com organizações gestoras de fundos patrimoniais. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/30774410>. Acesso em 13 mai. 2019.

CARNEIRO, R. Incêndios destroem um patrimônio cultural por ano no Brasil. **Veja**, São Paulo, 2018, s/ ano, s/ n, s/ p., 03 set. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/incendios-destroem-um-patrimonio-cultural-por-ano-no-brasil/>. Acesso em 13 mai. 2019.

LEIRNER, S. O que é mais doloroso? **Estadão**, São Paulo, 2018, s/ ano, s/ n, s/ p., 03 set. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/sheila-leirner/o-que-e-mais-doloroso/>. Acesso em 13 mai. 2019.

Museus em crise. **Pesquisa Fapesp**. São Paulo: Fapesp. n° 272. Outubro, 2018. Edição especial. Disponível em: [http://revistapesquisa.fapesp.br/revista/ver-edicao-editorias/?e\\_id=388](http://revistapesquisa.fapesp.br/revista/ver-edicao-editorias/?e_id=388). Acesso em 13 mai. 2019.



# GRAFITE E PIXO: ARTES GRÁFICAS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO PORTO DE PELOTAS

por PÉTRYA BISCHOFF

A pichação e o grafite, cujos primeiros registros enquanto arte de rua remontam a década de 1960 nos EUA, surgem, primeiramente, como manifestação cultural do meio, juntamente ao movimento Hip Hop, sendo gradualmente elaborados e estruturados artisticamente. Segundo Furtado (2012, p.141) A pichação é um conceito brasileiro, caracterizando as escritas urbanas estilizadas e de rápida execução; em outros lugares do mundo, quaisquer artes murais e escritas urbanas são consideradas graffiti. Tanto o pixo quanto o grafite têm, como seu principal suporte, paredes, muros e monumentos públicos a céu aberto ou locais fechados como metrô, túneis e edificações abandonadas. E ainda que a maior recorrência seja de utilização de tinta spray, também há trabalhos executados exclusivamente com pincéis e trinchas ou através da técnica mista.

Mais recentemente no quadro geral da história da arte, artistas urbanos têm sido contratados para executar seus trabalhos em locais particulares ou exibir suas artes em galerias e centros culturais. O pioneiro a entrar para o hall dos grandes artistas foi Basquiat, e atualmente, o maior nome do grafite mundial é Banksy, cuja identidade é desconhecida.

No Brasil, também há dezenas desses artistas que se destacam internacionalmente, como Os Gêmeos, paulistas cujos os trabalhos são os que mais adentraram o mercado de arte no cenário nacional, com seus característicos homens de cabeça amarela, olhos estilizados e roupas estampadas. (HONORATO, 2009, p.7).





Grafite. Os Gêmeos, 2013.  
São Francisco, EUA.  
Fonte: Vancouver Biennale

Ainda que, muitas vezes os artistas não sejam dotados de conhecimentos teórico-metodológicos acerca das artes visuais, o exercício e constante manutenção da atividade resultam em trabalhos autodidatas com qualidade artística inquestionável, chegando a criar estilos próprios, como os artistas acima citados.

Os pichadores e grafiteiros (que também costumam atuar em ambas as frentes, apesar de não ser via de regra) constituem, antes de mais nada, um grupo com afinidades sociais e ideológicas que abarcam outras artes, como estilos musicais e danças de rua (ex. o Hip Hop e o Rap) e muitas vezes encabeçam atividades sociais na comunidade que atuam; geralmente, a mesma comunidade que residem. Conforme Honorato (2009, p.3) raros são os artistas que apenas picham, ocorrendo apenas quando há uma intenção provocativa de interferência ou quando o sujeito convive com grupos específicos. Sendo assim, explicitando um dos maiores vieses artísticos desde sempre na história da arte, os grafites e pichações são, em grande maioria, manifestações de cunho social e ideológico; onde os artistas projetam reivindicações e críticas políticas do meio em que estão inseridos.

Os centros urbanos costumam apresentar maior número de artes gráficas de rua se comparadas às cidades de interior, e os bairros periféricos apresentam maior incidência que os bairros nobres ou mesmo nos centros das cidades. Ainda assim, considerando que uma das mais

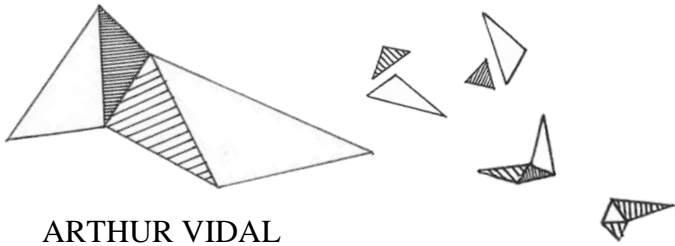


Banksy – “Season’s Greeting”, 2018.  
Reino Unido.

marcantes características do pixo é a territorialidade, é comum verificar tags de pichadores nos mais variados bairros e locais de difícil acesso, visto que a “marca” deixada pelo artista do pixo configura sua propriedade metafísica do lugar, galgando respeito dentre os pares.

Para Maciel (2015, p. 23) a globalização influencia na frequência e velocidade com que temos acesso às coisas, tornando banais nossas percepções de fluidez das manifestações humanas. A cidade de Pelotas possui um cenário significativamente ativo no que compete a essas artes gráficas de rua, sendo possível identificar centenas de grafites e dezenas de grafiteiros importantes para o meio e milhares de assinaturas de pichadores, bem como mensagens de diversas vertentes nos mais variados locais da cidade.

Um dos mais tradicionais bairros de Pelotas nesse aspecto é o Porto, onde, além da incidência de artistas autodidatas locais, há uma forte influência da Universidade Federal de Pelotas, cujos discentes e egressos do Centro de Artes costumam atuar, caracterizando um celeiro artístico-cultural significativo na metade sul do Estado. Buscando compreender a ótica e atuação local, foram feitas algumas perguntas para cinco artistas atuantes no Porto de Pelotas entre o pixo e o grafite, dos quais, obtivemos quatro respostas:



ARTHUR VIDAL

**PET-CR** Qual tua principal linha de atuação entre grafite e pixo? Já atuaste em ambos? Desde quando atuas no meio?

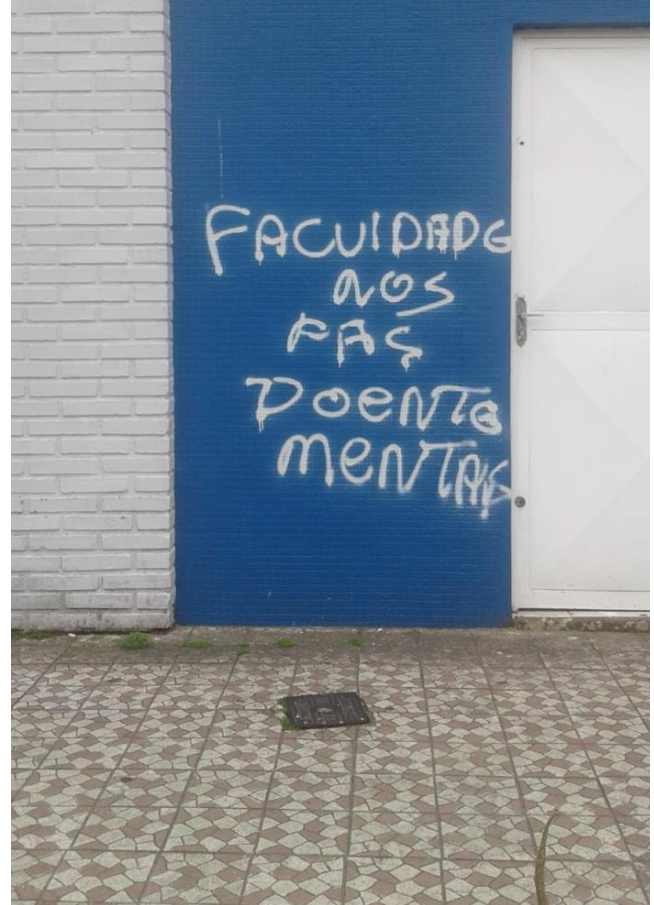
**A.VIDAL** Pixo. Ambos já atuei. Desde 2015.

**PET-CR** Pra ti, qual a principal distinção entre o grafite e o pixo? Quais as características estéticas e de expressão social que se manifestam nessas artes?

**A.VIDAL** O nível de complexidade, mas ambos são uma mesma ideia. Características comuns à quaisquer formas de artes, mas com sua própria essência, nesse caso há uma postura contra as normas vigentes e contra o aprisionamento da manifestação natural de desejo e expressão. Essa arte têm mais ocorrência com públicos marginalizados, se tornando um grito dos excluídos. Sendo a expressão fiel à natureza que a expressa é comum que pessoas com vantagem dentro do sistema, artistas pops, aderem a cultura, também como arte técnica para um objetivo específico como marcação de territórios, algo que o Estado faz com recursos melhores, e no caso, os grupos marginalizados fazem com o que tem.

**PET-CR** Como é o cenário das artes gráficas de rua no Porto de Pelotas? Já atuaste em outras localidades?

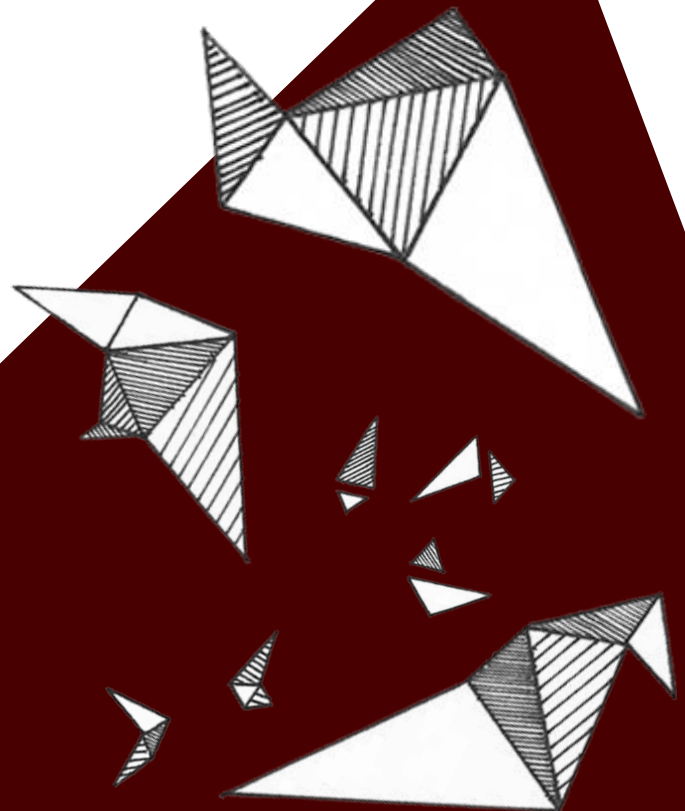
**A.VIDAL** É bem interessante, pois o grafite em Pelotas reúne diversos artistas incríveis, enquanto os pixos não deixam a desejar em certas manifestações grandes demais para pouca tinta usada, como o pixo em frente ao Guarani. Sim, já atuei em outras localidades.



Pichação. Arthur Vidal, 2018.

R. Lobo da Costa – Pelotas.

Fonte: Pétrya Bischoff





**PET-CR** Qual tua principal linha de atuação entre grafite e picho? Já atuaste em ambos? Desde quando atuas no meio?

**H. BORGES** Eu atuo mais do lado do grafite mesmo, nunca tive muita ligação com o picho. Atuo no grafite desde 2013.

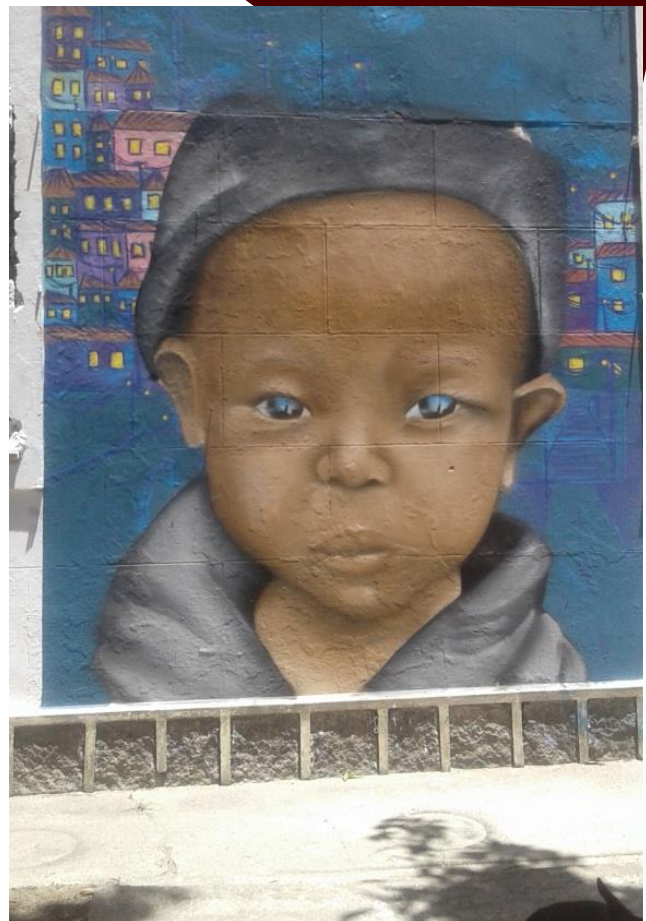
**PET-CR** Pra ti, qual a principal distinção entre o grafite e o picho? Quais as características estéticas e de expressão social que se manifestam nessas artes?

**H. BORGES** Pra mim o que separa o grafite do picho é mais a questão estética. E a função da altura, pra mim o picho é feito no alto. Mas a questão do fazer é muito próxima. O intuito de se espalhar (o seu nome), estar por vários locais da cidade, isso se aproxima muito. A função da crítica social, por exemplo, acredito que nenhum dos dois meios tem essa obrigação, mas pode ter, também, essa função. Aí varia muito da visão e intuito de cada artista.

**PET-CR** Como é o cenário das artes gráficas de rua no Porto de Pelotas? Já atuaste em outras localidades?

**H. BORGES** O Porto de Pelotas é tipo o “point” pra quem pinta. Todo mundo que pinta na cidade, já pintou por ali. Acho que por o pessoal já estar acostumado com pinturas, acaba sendo mais receptivo com o pessoal que pinta. Além de ter bastante lugar abandonado, casarões quebrados, a estética agrada bastante pra fazer uma composição. Mas eu já pintei em muitos bairros da cidade. E algumas cidades e estados fora. E é muito louco poder conhecer lugares diversos, outras culturas e perceber o modo que o grafite é recebido em cada lugar.

Grafite. Henrique Borges,  
2018. Ocupa – Pelotas.  
Fonte: Pétrya Bischoff



BENJAMIN\* (nome fictício\*)

**PET-CR** Qual tua principal linha de atuação entre grafite e pixo? Já atuaste em ambos? Desde quando atuas no meio?

**BENJAMIN** Pixo. Apenas pixo. Desde 2016.

**PET-CR** Pra ti, qual a principal distinção entre o grafite e o pixo? Quais as características estéticas e de expressão social que se manifestam nessas artes?

**BENJAMIN** O tempo, energia e recursos. As paredes são um palco apontado para a rua, de onde são vistos, é um cenário provável e certo para com baixo custo se fazer visto. É como um mural de facebook mais retrô.

**PET-CR** Como é o cenário das artes gráficas de rua no Porto de Pelotas? Já atuaste em outras localidades?

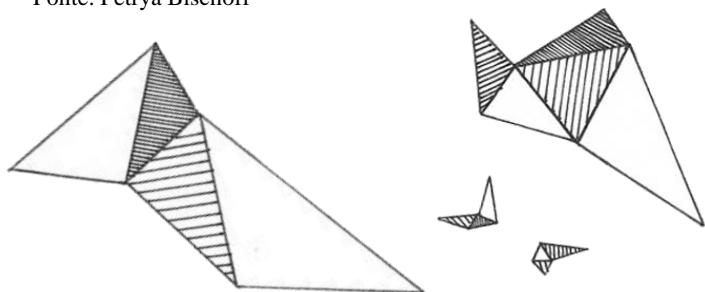
**BENJAMIN** Maravilhoso, expressão em todos os cantos. Só acho que gangues locais se aproveitam dessa arte para fins que não expressam os sentimentos humanos. Já pixei em outras cidades que passei de viagem.



Pichação. Benjamin, 2017.

R. Dona Mariana – Pelotas.

Fonte: Pétrya Bischoff



Grafite. Wesley Barboza, 2018.  
Porto – Pelotas.  
Fonte: Wesley Barboza

WESLEY BARBOZA

**PET-CR** Qual tua principal linha de atuação entre grafite e pixo? Já atuaste em ambos? Desde quando atuas no meio?

**W. BARBOZA** Eu gosto de pintar bastante bombing ou throw-up que seriam letras mais jogadas e rápidas de fazer, normalmente feitas em duas cores, preenchimento e contorno.

Mas também venho em uma linha de estudos que se chama Wild Style na qual o significado já fala por si próprio, seriam letras embaraçadas e quase ilegíveis para a grande maioria. E como sua essência tem a tag que seria a assinatura a qual é mais fácil e rápida de ser espalhada pela cidade.

Já sim, eu atuo e acho que sempre vou atuar nas duas modalidades, pelo fato de que uma anda do lado da outra.

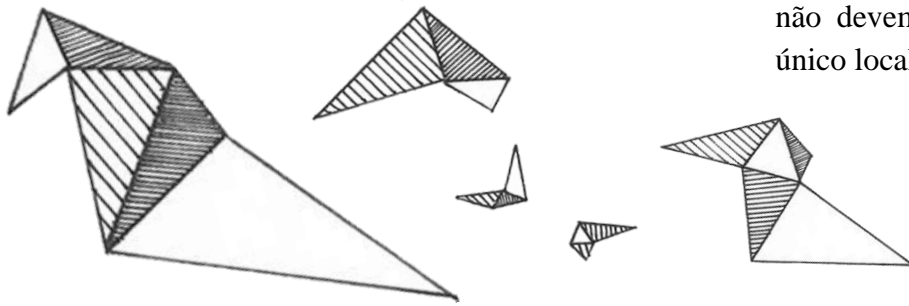
Eu comecei a pintar há 6 anos, entre idas e vindas e alguns problemas que acontecem nas ruas (nada fora da normalidade (risos). 2013/2014 foi quando eu comecei, mais ou menos.

**PET-CR** Pra ti, qual a principal distinção entre o grafite e o pixo? Quais as características estéticas e de expressão social que se manifestam nessas artes?

**W. BARBOZA** Pra mim a única diferença seria a estética, pelo fato de que a ideia tanto do pixo como do graffiti é a transgressão e o algo a ser dito.

Acho que apesar de que um possa conter personagens e tudo mais, as características estéticas vão muito daquilo que a pessoa vê ou vive para ser expressado, mas em relação a expressão social acho que depende de muitas coisas...

**PET-CR** Como é o cenário das artes gráficas de rua no Porto de Pelotas? Já atuaste em outras localidades?



Os artistas entrevistados relataram atuar tanto no pixo quanto no grafite, em diversas localidades da cidade, estado e em outros estados e estão em atividade há menos de uma década. O Porto de Pelotas foi mencionado como um point de atuação, considerando a profusão de grafites, pichações e pinturas murais encontrados em praticamente todas as ruas do bairro. Para esses artistas, os principais pontos que diferem uma manifestação gráfica da outra são a estética, recursos e metodologia empregados; o caráter crítico e político foi citado, mas não é um consenso.

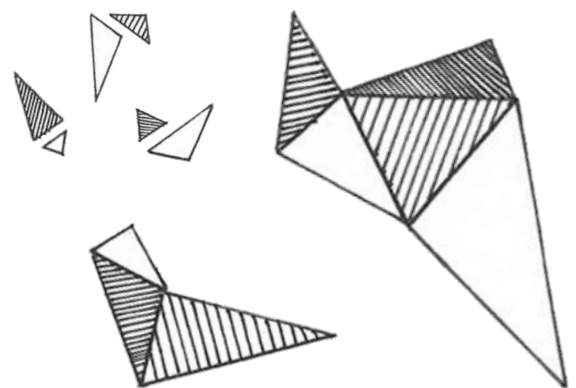
#### Referências

- FURTADO, J., R., ZANELLA, A. V. **Graffiti e Pichação: Relações estéticas e intervenções urbanas**. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Andrea\\_Zanella2/publication/314815762\\_Graffiti\\_e\\_Pichacao\\_Relacoes\\_esteticas\\_e\\_intervencoes\\_urbanas/links/58e177f9a6fdcc41bf944e69/Graffiti-e-Pichacao-Relacoes-esteticas-e-intervencoes-urbanas.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.researchgate.net/profile/Andrea_Zanella2/publication/314815762_Graffiti_e_Pichacao_Relacoes_esteticas_e_intervencoes_urbanas/links/58e177f9a6fdcc41bf944e69/Graffiti-e-Pichacao-Relacoes-esteticas-e-intervencoes-urbanas.pdf?origin=publication_detail)> Acesso em: 13 de jan. de 2019.
- HONORATO, Geraldo. **Grafite: da marginalidade às galerias de arte**. 2009. Faculdade de Artes do Paraná, Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf>> Acesso em: 13 de jan. de 2019.
- VAZQUEZ, Pedro F. M. **O muro como elemento de mediação do grafite e da pichação em Foz do Iguaçu**. 2015. N.p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

**W. BARBOZA** O cenário em relação a graffiti no porto de Pelotas é que é um dos lugares mais procurados pelos artistas para depositar seu trabalho, pelo fato de ter mais aceitação e por ter uma facilidade ao fazer qualquer tipo de trabalho diante das ruas. Nele se concentra os lugares dos eventos de graffiti e tudo que ocorre em relação a arte.

Já sim, tento efetuar trabalhos em diversos lugares da cidade e até fora dela sempre que possível, pois não devemos manter um trabalho preso em um único local.

Nesse aspecto, podemos considerar acerca do grafite e do pixo que ainda que ambos configurem manifestações culturais, políticas e sociais do meio, o primeiro é, obrigatoriamente, dotado de qualidade artística e estética, com necessidades de acabamento e fluidez visual, enquanto o segundo expressa rebeldia, despadronização, poluição visual e, na maioria das vezes, só é compreendido por um pequeno grupo, cujo pichador faz parte. Furtado (2012, p.149) aponta que a preocupação estética fica mais evidente no grafite, em especial pelo tempo de execução (geralmente maior que o do picho), e pela variedade de cores utilizadas. O grafite é, portanto, dotado de qualidade estética, enquanto o picho se caracteriza pela manifestação cultural do meio para o meio.



# VISITAS GUIADAS: PATRIMÔNIO CULTURAL DAS MISSÕES



Fonte: Marina Alves

por CLARA RIBEIRO  
e ANA CAROLINA FERNANDES

O PET Conservação e Restauro realizou uma viagem de estudos visando a introdução dos acadêmicos na salvaguarda do patrimônio cultural material e imaterial do país. A viagem ocorreu no segundo semestre de 2018 e teve como temática central o Patrimônio Missionário do Rio Grande do Sul. O objetivo principal da visita técnica foi conhecer a cidade de Santo Ângelo e parte do Parque Histórico Nacional das Missões - criado em 2009 por meio do Decreto nº 6.844, que reúne os sítios arqueológicos missioneiros de São Miguel Arcanjo (localizado no município de São Miguel das Missões), de São Lourenço Mártir (em São Luiz Gonzaga), de São Nicolau (em São Nicolau) e o de São João Batista (em Entre-Ijuís).

A viagem foi programada como uma atividade interdisciplinar de introdução e imersão dos estudantes em reflexões aprofundadas sobre o patrimônio cultural que é denominada "Visitas Guiadas ao Patrimônio Cultural". Busca-se, assim, desenvolver o pensamento crítico acerca da inserção de bens culturais no cotidiano social da comunidade que habita um local histórico e como esta interação impacta na preservação desses bens.

A viagem não se limitou apenas aos 12 Petianos e à tutora Daniele Fonseca, foi aberta e incluiu outros estudantes do curso de Conservação e Restauração de diferentes semestres. A atividade, portanto, também colaborou com a interação dos discentes do curso, oportunizando momentos de aprendizado, de diálogo e troca de ideias entre os colegas e com as instituições culturais, presenciando atividades práticas e reais de pessoas já atuantes no campo dos museus e patrimônio.

O primeiro local visitado foi a Catedral Angelopolitana de Santo Ângelo, essa teve a primeira versão construída no ano de 1706, na redução de San Angel Custódio. A segunda construção foi menor, uma substituição realizada no século XIX que procurava atender à comunidade. A Catedral que vemos hoje foi edificada em 1929. Ela possui na sua fachada principal esculturas de Valentim Von Adamovich homenageando os padroeiros dos Sete Povos das Missões. A construção levou em conta características das igrejas barrocas missioneiras e é uma das poucas catedrais que possui um anjo da guarda, ao invés de um santo, como padroeiro.

A catedral, além de nos oferecer uma grande gama de sensações, nos leva à apreciação de seu estilo arquitetônico impactante (também pela escolha de cor e material). As escavações arqueológicas realizadas no seu entorno foram cobertas com vitrines para exposição das fundações da antiga igreja. Dessa forma, é possível imaginar o tamanho da construção original e discutir sobre o impacto que as reduções jesuíticas tiveram naquele lugar.

Os alunos também foram recebidos no museu histórico de Santo Ângelo (Museu Municipal Dr. José Olavo Machado onde foi visto o acervo das escavações que ocorreram em torno da catedral, entre outros bens. Os alunos foram recebidos pela arqueóloga Thális Garcia, que apresentou-lhes o contexto histórico do local, suas curiosidades e também os fragmentos históricos descobertos e retirados das escavações que ocorreram na cidade.

O grupo visitou o Memorial de Coluna Prestes e o Museu Olavo Machado, localizados na antiga estação ferroviária. O memorial, com poucos recursos, procura contar o episódio conhecido por Coluna Prestes e seu envolvimento com a intentona comunista e fenômeno do tenentismo. Prestes, que havia sido transferido para o primeiro Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, entrou em contato com outros militares de esquerda e conspirou contra o governo federal. Pudemos verificar a história deste movimento a partir de diversos relatos históricos documentados pelo memorial e também por meio de objetos cotidianos, artes da época (quadros e fotografias) e sua relação com a cidade. No piso superior do museu existe uma sala dedicada à memória de Olga Benário. Olga e Prestes viveram um trágico romance lutando contra o autoritarismo. Ela foi executada na câmara de gás de uma prisão feminina da Alemanha nazista com mais 199 prisioneiras em 1942 aos 34 anos e pouco tempo depois de ter dado a luz à sua única filha, Anita Leocádia Prestes.

Em seguida a excursão seguiu para o Colégio Verzeri, onde se pode ver as pinturas murais consideradas patrimônio material cultural pelo IPHAN. No Colégio Verzeri, Emílio Sessa e Attilio Pisoni foram responsáveis pela ornamentação de pinturas murais da capela. Pintada por Emilio Sessa, essa é muito rica em detalhes e elementos que demonstram profundo conhecimento em arte sacra, além de elevado acabamento. Emilio Sessa colaborou com Aldo Locatelli na pintura da Catedral São Francisco de Paula em Pelotas, de modo que os estudantes puderam identificar semelhanças e diferenças entre os dois trabalhos.

São Miguel das Missões, considerado um dos sítios arqueológicos mais bem preservados do país, foi tido como patrimônio cultural em 1938, e declarado patrimônio da humanidade em 1983, pela Unesco. Através do pórtico de acesso ao município podemos chegar ao sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, que busca contar uma parte da história dos 30 povos jesuítico-guaranis.

Junto ao parque arqueológico encontra-se o Museu das Missões, que abriga uma das mais importantes coleções de esculturas sacras missionárias, esculpidas nos séculos XVII e XVIII pelos jesuítas e guaranis. Foi inaugurado em 1940 após o fim da construção do projeto idealizado pelo arquiteto modernista Lúcio Costa inspirado nas casas dos índios que ali viviam. Em 1930, Lúcio Costa visitou a região das antigas reduções jesuíticas e em seu relatório ao diretor do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), Rodrigo Melo Franco de Andrade, desenvolveu propostas para a salvaguarda desses fragmentos arquitetônicos e esculturas missioneiras que antes estavam dispersas (Folder do museu, 2018).

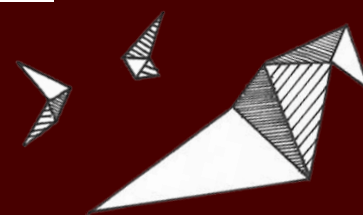
A ruína que hoje se vê é de uma igreja barroca projetada pelo arquiteto João Batista Primoli, concluída em 1735, após 10 anos de construções. À sua frente, a cruz missioneira, expressão de fé e proteção redobrada. Ao anoitecer, a ruína se torna palco para o espetáculo Som e Luz que propicia a experiência de se ouvir a história através da narrativa da saga dos povos Guarani e Jesuítas, desde o início ao final do sonho dessa comunidade.

O penúltimo local a ser visitado nesta excursão foi o ponto de memória missioneira, local onde se busca a reconstrução e salvamento de uma história vivida há 300 anos no campo material e imaterial. A experiência que se vive neste lugar relaciona-se com a cultura religiosa e espiritual dos povos indígenas locais. Um guia interpreta um ritual de benzedura do qual os presentes são convidados a participar para "aliviar a alma" e reviver uma crença popular passada de forma oral às gerações. Dessa forma, conheceu-se parte do sincretismo guarani, de certa forma

enraizado na cultura local. E por fim, deu-se a visita ao Museu Antropológico Diretor Pestana criado em 1961, cujo acervo contribui para o processo educacional, identitário e cultural das personas do Rio Grande do Sul, a partir do viés social-anropológico da coleção e sua ampla documentação (incluindo a documentação fotográfica) contribuindo assim para as pesquisas locais.

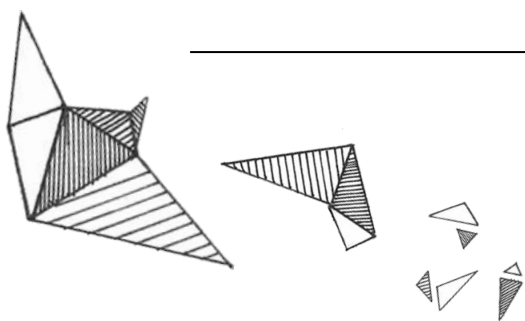
Uma visita a um centro histórico como o que realizamos é uma forma prática de exercitar a habilidade de observação, comparação, análise de dados e teoria vista no campus. Em um curso cujo o foco são os bens móveis, chega a ser dispensável ou mesmo redundante falar do quanto é crucial ao discentes terem de fato esse "contato físico" com os bens e patrimônios. Estar em um ambiente novo além de ser sempre muito divertido, ajuda a desenvolver habilidades sociais e profissionais, com a responsabilidade e respeito ao local e aos outro. Além disso especialmente aos petianos, que ficam incumbidos de toda a organização e planejamento da visita, são ampliadas aptidões em gestão, organização, cooperação e autonomia, o que é essencial dentro de um museu, laboratório ou ateliê.

Desta forma convidamos a todos os alunos do curso de Conservação e Restauração de Bens Móveis a participar de nosso próximo passeio, e claro, a se tornar um petiano.



#### Referências

- CATEDRAL SANTO ANGELO. Portal das missoes, 2018. Disponível em <<http://www.portaldasmissoes.com.br>>. Acesso em dezembro de 2018
- DOBERSTEIN, Arnoldo W.; Emilio Seng, Pintor: Primeiros Tempos, Porto Alegre: Edição Gastal&Gastal, 2012.
- LEOCADIA PRESTES, Anita. Olga Benario Prestes, BOITEMPO Edição 1, 2017.
- Memorial Coluna Prestes. Portal das missoes, 2018. Disponível em <<http://www.portaldasmissoes.com.br>> Acesso em dezembro de 2018
- Parque Histórico Nacional Missões - RS. IPHAN, Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/766/>> Acesso em dezembro de 2018



No dia 06 de novembro de 2018 realizou-se a cerimônia de posse da nova direção do Instituto de Ciências Humanas – ICH da Universidade Federal de Pelotas.

A nova direção, composta pelos professores Sebastião Peres e Andréa Bachettini, propõe, como já indicado pelo nome da chapa, integração, com a promessa de dar continuidade ao trabalho que vinha sendo feito pela gestão anterior, na qual o professor Sebastião foi Vice-Diretor, junto com o professor Sidney Vieira, diretor por dois mandatos. Hoje o ICH congrega os cursos de História, Geografia, Conservação e Restauração, Museologia, Economia, Antropologia e Arqueologia, além dos cursos de pós-graduação em História, Economia Aplicada, Geografia, Antropologia e Memória Social e Patrimônio Cultural.

Em tempos de cortes e incertezas, a nova direção tem uma árdua tarefa pela frente. Como o nome proposto para a chapa já vem indicando, a direção Integração propõe aproximar ainda mais os diferentes grupos do Instituto, inclusive buscando integração física dentro do ICH, que hoje se encontra distribuído em três campus, mais o espaço do LÂMINA (Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica), e o Museu do Doce. Tal integração é vista pela prof.<sup>a</sup> Andréa Bachettini como um dos maiores desafios que eles encontram pela frente, já que o espaço físico do ICH, “ como a UFPel, está esparramado pela cidade”.

Diretor Sebastião Peres e  
Vice Andréa Bachettini em frente à pintura  
realizada no pátio do Campus II, através de  
atividade programada pelos professores  
Roberto Heiden e Luiza Neitzke.  
Fonte: Andréa Bachettini

# NOVA DIREÇÃO DO ICH

texto por ELISA CABETE e  
entrevista por SANDRA OLIVEIRA



Já em relação à integração entre a pós e a graduação, o prof. ° Sebastião lembra que o Departamento de Museologia, Conservação e Restauração participava de edital do COCEPE (Conselho Coordenador do Ensino da Pesquisa e da Extensão da UFPel), através do qual estava buscando uma vaga estratégica para professor da pós-graduação que deverá atuar também na graduação. Para Sebastião, a questão da integração entre os cursos e a comunidade também tem fôlego, uma vez que os envolvidos estão dispostos a isso, trabalhando junto com a direção, apesar de ainda existirem momentos em que se faz necessário o convencimento de grupos e pessoas para que elas possam ver no trabalho de outras áreas a possibilidade de troca de informações que permita maior diálogo entre os departamentos.

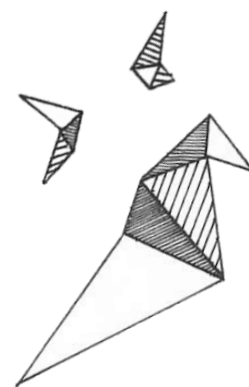
Em diversos momentos podemos ver como as direções do ICH estão sempre atuando de forma inovadora. Para o professor Sebastião estamos vivendo o momento histórico oportuno para que essas integrações fiquem ainda maiores.

Já quem frequenta o atual Campus II sabe que a situação não é a ideal, o local mal comporta os cursos e atividades que lhe foram atribuídas e sobre isso o professor Sebastião coloca que “a integração física demanda recurso federal numa época de escassez de recurso”. Também pondera sobre o que significa e implica a integração física do ICH: “Nós poderemos reunir todos os cursos

dispersos do ICH no mesmo local. Então nos ocorre, por exemplo, que esse espaço [Campus II], tendo espaço para construção ao lado, seria ideal para nós. Mas para isso a universidade teria de conseguir do ministério a alocação de recursos que permitisse a aquisição do prédio, para depois então a construção do novo espaço”.

Mesmo sabendo das dificuldades que o projeto de integração física demanda, o diretor Sebastião Peres informa que já existe uma conversa com a reitoria e a Proplan (Pró-reitoria de planejamento e desenvolvimento) para que se leve a demanda para Brasília, para que se faça o pleito para a captação de recursos necessários.

A prof.<sup>a</sup> Andréa Bachettini lembra ainda que uma das características dos cursos do ICH é a capacidade da extensão, além da pesquisa e do ensino. E dentro de uma cidade histórica como Pelotas, essa capacidade de se comunicar com a sociedade externa à academia é um ponto forte, principalmente se pensarmos que aqui nós temos não somente o curso de Conservação e Restauração, mais também a Museologia e a Arqueologia. Para ela, outro ponto muito importante da integração, já começa com a vinda da Conservação e Restauração e da Museologia para o Campus II, que ao saírem do Campus Canguru passaram a ter maior integração com outros cursos, quebrando um pouco a sensação de isolamento que alunos e professores desses cursos sentiam.



Nova Direção Sebastião Peres e Andréa Bachettini. Ex-Diretor Sidney Vieira e o Reitor Pedro Hallal  
Fonte: Andréa Bachettini



A adequação dos espaços, no entanto, principalmente os laboratórios de restauração, é assunto que já está na pauta de debates da nova direção. Inclusive um dos acontecimentos que se espera para o primeiro semestre de 2019 é a visita do MEC ao curso de Conservação e Restauração, e para isso a direção já vem pensando em algumas questões de adequação visual do prédio, que possui uma planta confusa, onde os números pares e ímpares ficam em lados opostos e com uma área de atividades que fica nos fundos do prédio, o que pode deixar o visitante um pouco desorientado, a princípio.

Aproveitando o assunto das adequações, o prof. Sebastião explica que antes mesmo da ida do ICH para o Campus II já se pensava na adequação do prédio com a implementação de elevadores no poço das escadas. Porém, esse é mais um desafio que a direção encara, uma vez que o prédio não pertence à universidade, o que torna qualquer adequação do espaço ainda mais complicado, e aponta a necessidade da aquisição do prédio.

Ainda assim, algumas alternativas para a acessibilidade foram implementadas, como o fato de todos os laboratórios do curso de Conservação e Restauração estarem no térreo. Também há salas de aula no térreo facilitando o uso do espaço por pessoas com dificuldades de locomoção. Sobre acessibilidade, ressalta-se a proximidade do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPel (NAI), locado no Campus.

Quando perguntado sobre os projetos esperados já para 2019, o prof<sup>o</sup> Sebastião brinca que a nova vice-diretora já inicia o seu treinamento de quatro anos para o cargo de diretora que irá assumir em breve. E nesse clima de descontração, a direção deixa o seu apoio às diversas atividades discentes que existem hoje na UFPel, buscando sempre ouvir os estudantes dando continuidade a uma tradição de companheirismo e integração com todos.



A Nova Direção com alunos do curso de Conservação e Restauração durante a cerimônia de posse.

Fonte: Andréa Bachettini

# CONSERVADOR- RESTAURADOR NAS MÍDIAS

por CAROLINA NAGATA

No uber, no bar ou numa fila, quase sempre os diálogos começam com o terceiro perguntando o que fazemos da vida e tenho certeza que muitos vão se identificar com a seguinte situação: quando as pessoas me perguntam o que eu faço em Pelotas, digo que faço Conservação e Restauração. A mesma resposta vem sempre automática “Que legal! Aqui tem bastante prédio antigo” e da minha parte, sempre se repete o desanimado “pois é...”

Quem é o conservador-restaurador? Diferente de um médico ou um advogado, o papel do conservador-restaurador não é tão esclarecido, e nem o título, popular, para a profissão se caracterizar por si só. O desconhecimento leva a uma série de preconceitos e equívocos acerca de terminologia, materiais de trabalho, atuação no mercado, níveis de especialização, a filosofia e a importância da presença desse profissional em diversas esferas culturais da sociedade e a lista se estende.

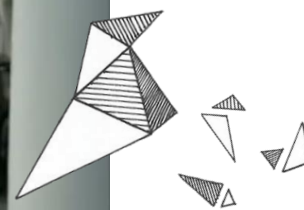
A primeira vez que disse que decidi seguir a carreira de conservadora-restauradora foi para a minha mãe e a reação dela foi automática e natural: “Tem certeza que não quer cursar Arquitetura?”. Nesse momento eu só pude pensar que ela ficara bastante decepcionada, mas a

questão desse evento é novamente: “Quem é o conservador-restaurador?”. A atual grade dos cursos de graduação de Conservação e Restauração do país focam em habilitar o profissional para trabalhar majoritariamente com papel, pintura e madeira, como o nosso curso na UFPEL. O título do curso já deixa bastante claro que estamos lidando com bens móveis, isto é, uma dimensão totalmente separada e distante da Arquitetura. E exatamente isso que norteou minha opção por Conservação e Restauração. Porém, o curso de Arquitetura propicia uma carreira consolidada e valorizada socialmente, há maiores oportunidades no mercado de trabalho, incluindo segurança, estabilidade profissional e financeira, aliviando as preocupações da minha mãe. Se surge a pergunta “quem é esse profissional?”, surge também “onde trabalha?”.

Com base nessa questão comecei a me perguntar como se dava a disseminação midiática da profissão. Como ela era difundida em termos de filmes, novelas e seriados em âmbito nacional. Antes de decidir seguir a carreira de Conservadora-Restauradora surgiram alguns personagens fictícios e figuras reais nos quais me baseei para entender o que é a profissão e quem é o profissional, já que é raro o contato direto com essa área. Apesar de encontrar diversas instituições de salvaguarda em níveis municipais, estaduais e nacionais, a presença desse profissional nem sempre é divulgada e em muitos casos nem há a sua participação na instituição. Nesse sentido, através da presente crônica, trago esses personagens e uma análise de seus trabalhos, na visão, desta vez, de alguém que está dentro da área.



Ateê de Restauração Particular da série 'Felizes para sempre?'  
Fonte: Telecine Play



comunidade, ou seja, o patrimônio é uma ferramenta para promoção de um desenvolvimento socioeconômico mais sustentável da humanidade como um todo, no qual se aplica a nossa atividade profissional, de preservação dessa memória. Em épocas de crises financeiras, o trabalho de conservação-restauração geralmente não é tido como preferência dentro da gestão de instituições de salvaguarda, em que os recursos nem sempre são suficientes para os custos básicos de manutenção de infraestrutura, de equipe de funcionários e sustento de atividades da instituição. Mesmo em temporadas favoráveis, se levantarmos o número de instituições onde se faz necessária a presença de um conservador-restaurador, concluímos que não deveria faltar emprego para nenhum profissional, mas sabemos que ainda não é a realidade.

Em 2015, a Rede Globo de televisão transmitiu a minissérie “Felizes para sempre?” em que a atriz Maria Fernanda Cândido fazia o papel de uma restauradora que ostentava um ateliê de restauração de pinturas deslumbrante! Um prédio incrível com paisagismo, cavaletes e pinturas majestosas, além da própria atriz: linda, plena e com um trabalho apaixonante. Mas a minissérie não conta para nós, espectadores, a dificuldade que é se manter no mercado com um ateliê de restauração particular. O público com quem se trabalha é bastante seletivo e o serviço que se presta, dispendioso. Uma grande parcela das pessoas, principalmente aquelas que não possuem contato com atividades culturais, não consideram a Conservação-Restauração como uma atividade vital para o desenvolvimento da sociedade, diferente de política e saúde, por exemplo. Porém, é através da história registrada nos bens culturais que se constrói a sociedade em que vivemos, por meio das referências identitárias nos reconhecemos enquanto parte de uma

Um pouco depois, foi transmitida a novela “Sete Vidas”, também pela emissora em questão, na qual a atriz Isabelle Drummond interpretou uma personagem que acaba descobrindo a restauração de imagens sacras como carreira para a sua vida e ingressa num curso técnico de restauração de imaginárias. É importante a divulgação de cursos de especialização para quem



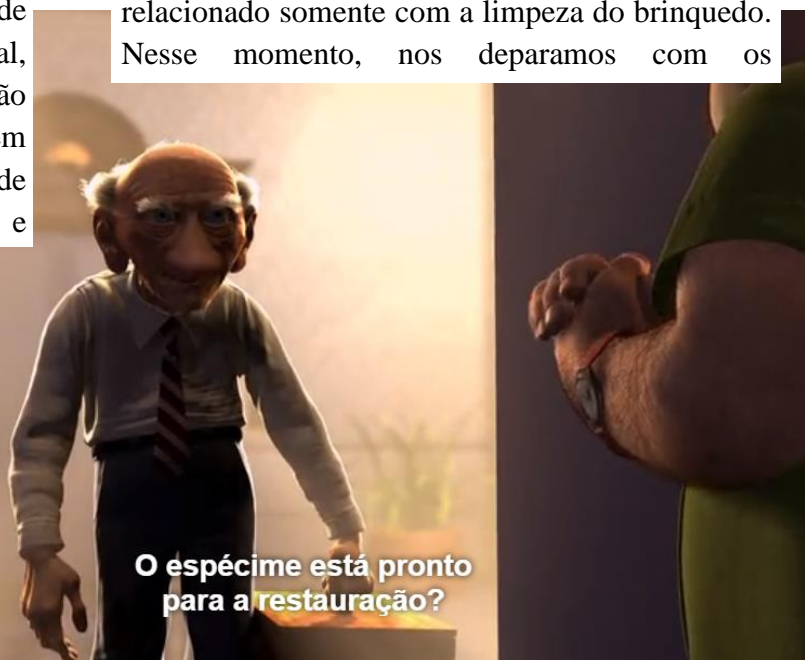
Curso técnico de Restauração de Imaginária Sacra (novela: Sete Vidas)  
Fonte: Telecine Play

Especialista em  
brinquedo  
chamado para  
restauração do  
boneco Woody.  
Fonte: Netflix



quer seguir essa carreira. A Conservação-Restauração é muito mais que um trabalho artesanal, é uma ciência que deve seguir uma metodologia embasada em bibliografia e praxis especializadas. Nesse sentido os cursos técnicos são ótimos meios para divulgação e conscientização do trabalho de Conservação-Restauração, além de serem mais acessíveis para a comunidade. Vale ressaltar que são cursos voltados para prática manual e de rápida formação, em comparação aos cursos de graduação que focam em questões filosóficas e éticas para lidar com tomadas de decisão dentro do processo de intervenção. Há um aprofundamento teórico maior nos últimos, por serem ofertados em universidades configuram-se como espaços que incentivam projetos de pesquisa, ensino e extensão, além dos diálogos promovidos em encontros como congressos, simpósios e seminários. Além disso, possibilitam a formação de profissionais mais capacitados para lidar com particularidades no processo interventivo, geram maior produção de conhecimento, trabalhos em língua nacional, projetos com a comunidade, valorização patrimonial em todo o país, principalmente em nível municipal, ampliação do mercado de trabalho, aumento da qualidade de ensino e valorização da profissão.

No filme de animação Toy Story 2, o boneco Woddy é roubado por um colecionador/comerciante de brinquedos, que após completar a sua coleção, recebe uma proposta de compra por um museu japonês. Porém, num acidente o braço do personagem é rasgado, necessitando de restauro, nesse momento é chamado um especialista em brinquedos. O profissional não apenas repara o braço do boneco, como o limpa, retoca sua pintura e cobre a inscrição do seu dono no pé do objeto. É interessante observar que na versão original do filme, o termo utilizado pelo profissional chamado para intervenção é “cleaning” (tradução livre: limpeza), já na legenda utilizada pelo canal de streaming Netflix, o termo é traduzido para “restauração”, assim como na dublagem em português. Vale ressaltar que em bibliografia estrangeira especializada para o termo ‘restauração’, utiliza-se “restoration”, nesse contexto, podemos inferir que o significado original utilizado no filme (“cleaning”) está relacionado somente com a limpeza do brinquedo. Nesse momento, nos deparamos com os



Tradução do termo "cleaning"  
utilizado originalmente pelo  
filme Toy Story 2  
Fonte: Netflix

maiores pré-conceitos da Conservação-restauração: (a) terminologias, (b) remoção da história do objeto, (c) restauração como sinônimo para 'deixar novo' e (d) aquele famoso 'antes e depois'. 'Consertar', 'Reformar', 'Dar uma limpadinha', 'Deixar novo' ou ainda 'Deixar bonito' são alguns dos títulos que o nosso trabalho recebe, e isso é apenas a ponta do iceberg. O desconhecimento de terminologias geralmente vem acompanhado de ideias erradas de como e do porquê se procede uma restauração. A ilusão de 'deixar novo' exclui por completo a história do objeto e seus valores agregados, tal conceito não deveria ser tão comum como realmente é. Todos possuem algum objeto com significado, uma foto, um livro, uma jóia, um brinquedo, que fora ganhado como presente de alguém especial, comprado em uma viagem inesquecível, ou ainda que represente uma recordação querida. E os bens culturais não são diferentes, possuem propósito e relevância para serem expostos e preservados, pensados para o coletivo, mas essencialmente nos pertencem por que simbolizam algo na trajetória humana. Uma intervenção não é um meio para devolver beleza ou 'rejuvenescer' uma obra, é sobre recuperar valores perdidos, sua legibilidade e seu vigor para permanecer para diversas gerações adiante. Portanto, não há um objeto antes e um depois de uma intervenção adequada, isto é, que não tenha modificado ou desconfigurado seu valor simbólico original, como discutido a seguir.

Com o advento da Internet e todas as possibilidades de comunicação e criação de "memes", é bastante comum se encontrar artigos sobre "restaurações polêmicas" e a "boa vontade" de artistas e voluntários para ajudar a sua comunidade, não escapa de virar piada. Como é o caso da restauração da pintura *Ecce Homo*, realizada pela dona Cecília Giménez, cuja divulgação alcançou números estratosféricos como "meme", ocasionando até o crescimento do turismo na cidade onde se encontra a obra. Outro exemplo bastante famoso é a restauração da escultura de São Jorge, também na Espanha e a cabeça do menino Jesus no colo de Maria, no Canadá. Diversos outros casos são facilmente achados na internet, e nesses em especial, os responsáveis não possuem o domínio técnico para intervir na obra, mas tais situações continuam ocorrendo frequentemente por falta de recursos das instituições e, sobretudo pela falta de informação. Ainda que o intuito dos memes seja apenas de fazer piada, acabam se tornando um meio de divulgação sobre o valor único que os bens culturais possuem, e que as intervenções, quando inadequadas, podem ser tão destrutivas quanto ações do tempo e de vandalismo, ressaltando a importância de um profissional especializado. E para aqueles que não possuem proximidade com arte ou não costumam frequentar museus e instituições afins, os memes se fazem um meio de alcance através das redes sociais.



restaurações polêmicas

**piores restaurações do mundo**  
restaurações **que deram errado**  
**restauração de obra de arte**  
**restauração errada**  
**restauração fail**  
restaurações **desastrosas**  
**restauração de quadros**  
**piores restaurações do mundo**

[Denunciar previsões inadequadas](#)

### [Nova restauração 'cômica' de obra de arte causa polêmica na Espanha](#)

<https://extra.globo.com/.../nova-restauracao-comica-de-obra-de-arte-causa-polemica-n...>

26 de jun de 2018 - Você se lembra da restauração do afresco "Ecce Homo", obra de García Martínez, feito por Cecilia Giménez, de 81 anos? O trabalho, com ...

### [8 Polêmicas Restaurações em Obras de Arte Sacra | Artefato](#)

[jualmstadter.artefatoarte.com/2018/10/8-polemicas-restauracoes-da-obras-de.html](http://jualmstadter.artefatoarte.com/2018/10/8-polemicas-restauracoes-da-obras-de.html)

18 de out de 2018 - Algumas das restaurações citadas ficam apenas no campo da polêmica gerando discussões acirradas entre os entendidos, já outras fazem os ...

Resultados e sugestões de pesquisa pelo Google sobre 'Restaurações polêmicas'  
Fonte: Arquivo pessoal



Ecce Homo (obra original, obra degradada e resultado da intervenção).  
Fonte: Google imagens



Memes utilizando a imagem de 'Ecce Homo' restaurada. Primeira imagem carrega a descrição: "Eu posso rezar para uma batata" (tradução livre). Segunda imagem: "Eu não quero" (tradução livre).  
Fonte: Google imagens



Chegando, dessa forma, em diferentes culturas, classes sociais, idade, promovendo a valorização patrimonial, disseminando a importância da Conservação-Restauração, além de estreitar as relações entre bem cultural e indivíduo que muitas vezes o espaço museal cria.

Dentro desses exemplos citados, o contato que as mídias proporcionam para o público leigo ainda é bastante carente de informações. Antes de ingressar na graduação, a minha visão sobre o curso e a carreira focava apenas a restauração de objetos e logo na primeira aula nos dizem que não devemos restaurar e sim, conservar. Como assim?

Esse foi um dos primeiros conflitos entre a minha expectativa e a realidade dentro da área. Mas que trabalho é esse de conservação dentro dos museus? Nunca havia visto. Coleta de dados sobre umidade relativa, temperatura e luz? Distribuição de umidificadores/ ar condicionado? Higienização periódica? Acondicionamento? Reserva técnica? Talvez por não ser artístico como uma restauração, o trabalho de conservação preventiva é deficientemente divulgado, apesar de representar um amplo campo de estudo dentro da área, é uma medida muito eficiente dentro de instituições com poucos recursos, sendo aplicável em qualquer tipo ou nível de instituição de salvaguarda, evitando a necessidade de intervenções diretas sobre o acervo, isto é, preservação da integridade material e imaterial do



Escultura de São Jorge:  
Resultado da intervenção  
e obra original à direita.  
Fonte: Google imagens

bem. Apesar da sua importância não há divulgação desse trabalho. Outro aspecto ocultado é a análise crítica discurrida durante todo o processo de intervenção quanto à estética, materiais, metodologias e etc. Dentro da área é intensamente discutido e ainda não há um modo certo ou errado de se proceder uma intervenção, assim como seu resultado que depende de questões subjetivas de quem o analisa. Dentro das intervenções responsáveis e conscientes, cada procedimento é único e deve respeitar os valores únicos que a obra apresenta, assim como fatores externos como os proprietários, o espaço e a comunidade em que está inserido, o que o bem representa para eles. Portanto, cada bem é singular assim como a intervenção realizada.

Conscientes da deficiência de informação, nós, conservadores-restauradores não podemos depender apenas da propaganda midiática feita por quem não está inserido na área. Vale ressaltar que além da presença dentro das instituições de salvaguarda, nossa presença em municípios pequenos ou em comunidades locais impulsiona vertiginosamente a valorização patrimonial, e sobretudo o seu reconhecimento, como ocorreu em Pelotas com a implantação do curso. Nesse sentido, a divulgação da área se promoveu através de projetos de extensão, criação de museus, atividades como a Semana dos Museus, Dia do Patrimônio, Semana Acadêmica da Conservação e

Restauração e projetos com escolas de todos os níveis de ensino. O curso é relativamente novo e há muitas maneiras de se trabalhar com o público que vem sendo desenvolvidas, como laboratórios abertos e oficinas com a comunidade local. Desse modo, convido o leitor como cidadão e agente patrimonial a divulgar e conscientizar aos próximos sobre o trabalho de Conservação-Restauração e principalmente fomentar o reconhecimento e valorização do patrimônio. Não podemos depender apenas das informações que chegam para nós através das mídias e quando se trata de patrimônio cultural, nós temos que sair da nossa zona de conforto e explorar as cidades, que são um museu vivo!



Resultado da intervenção  
realizada na cabeça de  
Jesus Cristo no colo de  
Maria, no Canadá.  
Fonte: Google imagens

24/08 – VÍDEO  
Olhares sobre Pelotas:  
Praça Coronel Pedro Osório



31/08 – VÍDEO  
Olhares sobre Pelotas:  
A Sociedade do Charque.



01 a 05/10 – III SEMANA ACADÊMICA DA  
CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO



01/10 – OFICINA  
Papel Marmorizado.  
Ministrante: Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Raquel Augustin



02/10 – PALESTRA  
O Registro da Tradição Doceira da Região de  
Pelotas como Promotor da Educação para o  
Patrimônio e o Turismo.  
Ministrantes: Dr. Carla Gastaud e Viviane Saballa



03/10 – OFICINA  
Espátula de Bambu  
Ministrante: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniele Baltz da Fonseca



01 e 02/10 – OFICINA  
Reintegração Pictórica.  
Ministrantes: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Roberto Heiden e  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréa Bachettini.



03/10 – OFICINA  
Restauração de Cerâmica  
Ministrante: Dr<sup>a</sup>. Keli Scolari



01/10 – PALESTRA  
Sofrimento Psíquico no Contexto  
do Social Contemporâneo.  
Ministrantes: Acadêmicas Aline Ramos e  
Priscila Lautenschläger (Psicologia/UFPel)



03/10 – PALESTRA  
A Patrimonialização do Conjunto Histórico e o  
Reflexo na Preservação do Bem Móvel e Integrado.  
Ministrantes: Rafael Balle, Alessandra Ferreira e  
Josiele Castro.





04/10 – OFICINA

A Morte em Pelotas: Um Passeio pelas Antigas  
Necrópoles  
Ministrante: Ms<sup>a</sup>. Anderson Pires Aires



04/10 – COMUNICAÇÃO  
Apresentação de Trabalhos



05/10 – OFICINA

Ferramentas para Madeira  
Ministrante: Acadêmico Mário Fernando Ramos  
Marques (Conservação e Restauração de Bens  
Culturais Móveis/UFPeI)



05/10 – OFICINA

Fotografia com Smartphone.  
Ministrante: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Roberto Heiden



05/10 – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ministrante: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniele  
Baltz da Fonseca



19/10 – PALESTRA

Uma Breve História do Espaço: da Física  
Aristotélica à Teoria da Relatividade.  
Ministrante: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Álvaro Ayala



02, 03 e 04/11 – VISITA GUIADA  
Visita às Missões

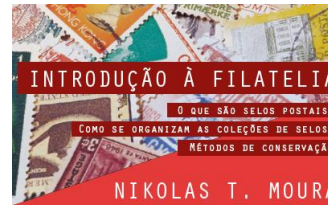


09/11 – CINEPET  
Grandes Olhos



30/11 – PALESTRA  
Introdução a Filatelia

Ministrante: Acadêmico Nícolas Moura  
(Conservação e Restauração de Bens Culturais  
Móveis/UFPeI)



14/12 – MINICURSO

Ansiedade e os Problemas Psíquicos no Final do  
Semestre. Ministrante: Acadêmica Simone Borges  
Zanetti (Psicologia/UFPeI)

